

Guilherme Aniceto

# GUERRA

EDITORIA PENALUX

Guaratinguetá, 2017



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro  
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br  
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

CAPA E DIAGRAMAÇÃO: Guilherme Peres

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

A597g ANICETO, Guilherme. 1991–  
Guerra / Guilherme Aniceto – Penalux: Guaratinguetá, 2017.  
90 p.: 21 cm.  
ISBN: 978-85-5833-214-9  
1. Poesia I. Título

CDD B869.1

---

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida  
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

# *Guerra*

Antes de colocar  
um versus o outro,  
por que não dizer  
uns versos e outros?

Parece tão mais simples  
versejar, que velejar  
a nau rumo ao naufrágio.

O coração é frágil  
e a única guerra que vale  
ocorre dentro do poema.

## *Honra ao mérito*

Dizem que ele venceu,  
ganhou a medalha:  
honra ao mérito  
da batalha!  
Ganhou foi nada:  
tendo a dignidade morta,  
baleada  
no momento pretérito,  
no instante presente  
o privilégio  
é seu mais velho amigo.  
O poder régio  
empodera-lhe o umbigo.  
E ao redor:  
muito peixe morto  
impróprio para consumo,  
muito pobre  
e muita fome,  
pouco cobre  
e muito fumo,  
e gente que só tem  
por propriedade  
o próprio nome.

## *Ninguém tem pena de nós*

Hoje não há poema.  
Os livros estão engavetados.  
As gravatas sufocam.  
Os telefones soltam a voz.  
Os grampos amarram os papéis.  
As redes não descansam.  
Houve vazamentos.  
Houve deslizamentos.  
A esperança foi soterrada.  
E a pena foi a única a safar-se do trabalho.  
Em tempo, aposentou-se.

## *Os meus amigos*

Os meus amigos são Josés e Marias,  
comuns e sem riquezas.  
Debaixo dos braços eles trazem seus problemas,  
como se resolvê-los fosse coisa repentina.  
Na próxima esquina,  
tropearão  
na tábua de salvação.  
Os meus amigos perderam a fé,  
mas mantiveram a esperança.  
O sol escaldante arranca a pele  
e a chuva ácida agrilhoa a fronte.  
Mas o amor corre nas veias  
e a vida pulsa sob o calcanhar.  
Antes da tempestade,  
os meus amigos estocam alimento  
e a alegria de outro instante.  
Valorizam as lembranças e comida na mesa.  
Os meus amigos são Marias e Josés,  
e andam por aí esperançosos.  
O mundo é feio,  
é velho aos milhões de anos,  
mas é deles.

## *Não há o poema*

Não há o poema,  
há uma entrada sem saída,  
a bala alojada,  
a coluna travada,  
o fluido que escapa.

Não há o poema,  
há a paralisia,  
o homem na esquina,  
o buraco nos olhos da polícia,  
a interrupção do passo.

Não há o poema  
porque não há poeta  
com a coragem da bala,  
com a certeza do tiro,  
com a mira da morte.

Não há o poema  
porque não se escondem  
os versos desafiados, mas  
os bons morrem nas ruas  
e os maus governam o mundo.

## *Guimba*

O mundo está na guimba há um tempo.  
Quem o fuma não abandona.  
Queimou a boca há eras.  
E já não sente.  
Milênios atrás, acenderam o centro da Terra.  
Qualquer dia a chama se apaga, naturalmente.  
Se o mundo não matar, quem o fuma um dia morre.  
E tudo voltará.  
Pedra sobre pedra.  
Água sobre água.  
Ar sobre ar.  
O fogo ainda não terá sido inventado.  
Talvez eu retorne na forma de uma formiga.  
Ou algo que valha uma formiga.  
Formiga dois ponto zero.  
Melhorada. Turbinada. Remoldada.  
Talvez não.  
Talvez acabe para sempre a existência do bardo que vos fala.  
Meu maior pesadelo não é esse.  
Penso que alguém deve vir na forma de poeta.  
Pelo menos uma alma.  
Uma só.  
Pode ser a da formiga de hoje.  
Inventar a poesia de novo será preciso.  
Assim o mundo recomeça.



## *Sopro*

Cumpra-se o propósito  
do sopro divino:

a ave voe,  
o peixe nade,  
a cobra serpenteie,  
o gato lamba,  
a galinha bote,  
a abelha zumba,  
a vaca amamente,  
a planta verdeje,  
a aranha teça a teia,  
o cavalo trote,  
o suricato vigie,  
os leões reinem.

E o homem  
tome  
a vida alheia.

## *Fábrica de pombos*

O mundo é uma fábrica de pombos.  
E pombo não é símbolo de paz.  
Pombo é vetor de doença.  
Pombo é dispersor de fezes.  
Pombo, às vezes, é só pombo, e não é frango.  
Pombo não serve de rango.  
Pombo só faz voar por aí.  
Pombo só faz pousar sobre o telhado.  
Pombo só faz olhar os outros de cima.  
Pombo é soberbo sem motivo.  
Pombo é praga de cidade.  
Ave marginal e sem razão,  
representação penada do homem.